



FAIXA DE GAZA

Da incerteza ao distante sonho da paz

Quase dois meses depois da assinatura de um frágil acordo de cessar-fogo, moradores da região falam ao **Correio** sobre a vida no território palestino. Eles citam a luta diária pela sobrevivência e o medo constante da morte

» RODRIGO CRAVEIRO

Se as oliveiras conhecessem as mãos que as plantaram, seu azeite se transformaria em lágrimas." A frase do poeta e escritor palestino Mahmoud Darwish (1941-2008) sintetiza o sofrimento e a dor de um povo que luta há 58 anos contra a ocupação. Quase dois meses depois de um vislumbre de chance de paz, com a assinatura de um plano mediado pelos Estados Unidos, Egito, Catar e Turquia, em 9 de outubro passado, pouca coisa mudou na Faixa de Gaza. Os bombardeios israelenses prosseguem de forma esporádica, e a população convive com o trauma de uma guerra que deixou 70 mil mortos e mais de 170 mil feridos. A Organização das Nações Unidas (ONU) estima que a reconstrução do enclave palestino custará em torno de US\$ 70 bilhões (ou R\$ 380 bilhões). A maior parte do território palestino foi reduzida a pilhas de escombros.

O plano liderado pelo presidente norte-americano, Donald Trump, previa a troca de todos os reféns do movimento islamita Hamas por prisioneiros palestinos, a devolução dos corpos de judeus mortos no cativeiro, a formação de um Conselho de Paz, o envio de uma Força Internacional de Estabilização ao enclave e a retirada gradual das tropas de Israel. Os dois primeiros pontos estão praticamente concluídos, e a expectativa de Trump era de que as próximas etapas tivessem início antes do Natal.

Morador do campo de refugiados de Jabalia, o repórter freelance Hassan Salem, 26 anos, admitiu ao **Correio** que a vida mudou por completo na Faixa de Gaza. "As pessoas estão lutando contra o deslocamento, e a falta de comida, de água potável e de cuidados médicos. As famílias vivem sob constante incerteza e trauma. Pessoalmente, a minha vida e a de minha família foram viradas de cabeça para baixo. Nós perdemos nossas casas, nossa estabilidade e o senso básico de segurança", desabafou. Pelo menos 2,3 milhões de moradores de Gaza enfrentam um "empobrecimento extremo e multidimensional", segundo a agência de comércio e desenvolvimento das Nações Unidas.

Reconstrução

Para Salem, quem vive em Gaza tem pela frente uma série de desafios. "Precisamos reconstruir nossas casas, garantir a obtenção de comida

Eyad Baba/AFP



Garoto brinca sobre escombros de prédio no campo de refugiados de Nuseirat (centro)

Eyad Baba/AFP



Refugiados do campo de Nuseirat enchem galões com água

e água, ter acesso a tratamento médico, proteger nossas crianças dos traumas e simplesmente sobreviver ao inverno. As pessoas necessitam de abrigo, de estabilidade e do apoio internacional", comentou.

Hoje refugiado na parte norte da Cidade de Gaza, o também repórter fotográfico Ahmed Hassan Youssef Al-Saifi, 24, disse à reportagem que a população de Gaza experimenta um "período terrível, com absolutamente nenhuma segurança". "Nossa povo precisa da proteção internacional

dessa ocupação criminosa", afirmou, por meio do WhatsApp.

Outro fotojornalista de Gaza, Abood Abusalam, 28, contou ao **Correio** que "nada mudou" no enclave palestino desde que o plano de paz foi assinado. "A Cidade de Gaza segue presa à dor, cercada pela perda e sobrecarregada pelo sofrimento. As casas não despertaram doslêncio da destruição, e os rostos ainda não conseguem esquecer o que o coração viu antes dos olhos. A dor é a mesma, como se estivesse profundamente enraizada a cada dia que passa", disse.

» Adeus às armas?

O movimento palestino Hamas declarou ontem que está disposto a entregar suas armas na Faixa de Gaza a uma autoridade palestina que governe o território, com a condição de que a ocupação pelo Exército israelense seja encerrada. "Nossas armas estão vinculadas à existência da ocupação e da agressão", afirmou em um comunicado Khalil al Hayya, chefe negociador do Hamas e responsável pelo movimento em Gaza. "Se a ocupação terminar, essas armas serão colocadas sob a autoridade do Estado", acrescentou. Consultada pela agência de notícias AFP, a assessoria de Hayya precisou que ele se referia a um Estado palestino soberano e independente. "Aceitamos o envio de forças da ONU como força de separação, encarregada de vigiar as fronteiras e garantir o cumprimento do cessar-fogo em Gaza", acrescentou Hayya.

Segundo Abusalam, os cidadãos de Gaza se agarravam à esperança da mesma forma que um naufrago se agarra a um pedaço de madeira. "Elas esperavam pelo que viria depois do cessar-fogo, como se fosse o início de uma nova vida. Eles imaginavam que a escuridão terminaria, e que o amanhã traria algo diferente. As esperanças os traiu."

Na última terça-feira, uma cena preencheu de esperança um cenário de destruição. Dezenas de

jovens se casaram em meio às ruínas de Khan Yunis (sul). O matrimônio coletivo envolveu 54 casais, com direito a tapete vermelho e trajes palestinos bordados para as mulheres — os noivos usaram terno e gravata. "Precisávamos de algo que nos fizesse sentir que nossos corações ainda estão vivos", disse à agência France-Presse Karam Moussaed, um dos recém-casados. Um pouco de poesia em meio ao luto e à incerteza em relação ao futuro.

Vozes de Gaza

Arquivo pessoal



"Apesar do anúncio de um cessar-fogo, ainda há ataques e bombardeios em áreas para além da chamada linha amarela. Temos feridos e mártires todos os dias aqui. Ocionalmente, também ocorrem ataques dentro das chamadas zonas seguras, incluindo assassinatos seletivos de membros da resistência, que sempre acabam matando pessoas inocentes também."

Hassan Salem, 26 anos, repórter fotográfico, morador do campo de refugiados de Jabalia

Arquivo pessoal



"O que a Faixa de Gaza e sua população atravessam é um genocídio em larga escala, que tem sido recorrente de tempo em tempo. O exército de ocupação israelense cometeu inúmeras violações do cessar-fogo, resultando em um grande número de mortos e feridos, principalmente crianças, mulheres e idosos."

Ahmed Hassan Youssef Al-Saifi, 24 anos, repórter fotográfico, refugiado na Cidade de Gaza

Arquivo pessoal



"Os aviões ainda sobrevoam as cabeças das pessoas. Os bombardeios continuam a roubar vidas, antes de darem a alguém a chance de respirar aliviado. Nada mudou. Infelizmente, absolutamente nada. Na condição de jornalista de Gaza, deparo-me todos os dias com a mesma cena: uma cidade em sofrimento, crianças carregando fardos muito maiores do que sua idade, mulheres que se lembram mais dos rostos daqueles que perderam do que os detalhes da vida, e homens buscando uma razão para continuar, apesar de todos esses escombros."

Abood Abusalam, 28, repórter fotográfico, morador do campo de refugiados de Jabalia

CRISE CLIMÁTICA

Chuvas na Ásia já provocaram 1,8 mil mortes

O número de mortos nas devastadoras inundações e nos deslizamentos de terra dos últimos dias chegou a 1,8 mil em Indonésia, Sri Lanka, Malásia, Tailândia e Vietnã. A turística ilha de Sumatra, na Indonésia, arcou até agora com o maior sofrimento: 908 mortos, anunciou ontem a agência de gestão de catástrofes do país. E teme-se que o número de vítimas aumente devido à escassez de alimentos estimada para os próximos meses em consequência do clima inclemente.

A tragédia se desenrola na região devido à catastrófica confluência de dois ciclones tropicais e da estação de monções. O número de vítimas deve subir, devido à fome que ameaça as aldeias e as "áreas que continuam inacessíveis nas regiões remotas de

Aceh". O alerta é de Muzakir Manaf, governador desta província "completamente destruída, de norte a sul, desde as estradas até o mar".

"Muitas pessoas precisam de produtos de primeira necessidade", declarou Manaf à imprensa, alertando que muitas pessoas "não morrem pelas inundações, mas pela fome".

Traído

Fachrul Rozi, vítima das inundações em Aceh, contou que passou a última semana amontoado em uma velha tenda junto com outras pessoas que fugiram das águas. "Comíamos o que encontrávamos, ajudando-nos uns aos outros com as escassas provisões que cada um havia trazido. Dormíamos amontoados uns



Inundação em Aceh deixou ruas cheias de lama

sobre os outros", declarou à agência de notícias AFP.

Munawar Liza Zainal, outro morador de Aceh, disse se sentir "traído" pelo governo indonésio, que até agora declarou o estado de catástrofe nacional, apesar das pressões. "É uma catástrofe extraordinária que deve ser tratada com medidas extraordinárias", insistiu.

O Sri Lanka, por outro lado, solicitou ajuda internacional esta semana e confirmou um saldo de 611 mortos e 213 desaparecidos na ilha, localizada ao sul da Índia. O presidente, Anura Kumara Dissanayake, qualificou a emergência como a catástrofe natural mais grave que o país já sofreu.

Mais de dois milhões de pessoas — quase 10% da população — foram afetadas pelas inundações e pelos deslizamentos de terra. Os sobreviventes receberão até

10 milhões de rúpias (US\$ 33.000 ou R\$ 173.100, na cotação atual) para adquirir um terreno em um local mais seguro e construir uma nova casa, assegurou o Ministério das Finanças em um comunicado na noite de sexta-feira (5/12).

O governo também oferece indemnizar com um milhão de rúpias (R\$ 17.310) os familiares de pessoas falecidas ou que tenham sofrido uma deficiência permanente devido à tragédia.

O Centro de Gestão de Desastres indicou que mais de 71 mil residências sofreram danos.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) examina o pedido do Sri Lanka, que atravessa uma grave crise econômica, para obter US\$ 200 milhões (R\$ 1 bilhão) adicionais aos 347 milhões de dólares (R\$ 1,9 bilhão) que receberá este mês.